

Apresentação

A imagem da colcha de retalhos, retratada na capa deste número, pode ser uma boa metáfora para traduzir o hibridismo cultural, mas já não é suficiente para expressar a intensa mobilidade que o sustenta no mundo atual. Se na colcha já se vê, em formas e cores, figurada a diversidade, falta o movimento que ilustre a constante mudança no tempo e no espaço. Tal mudança, provocada por diversos agentes, sejam estas pessoas, mídias ou expressões artísticas, relativiza fronteiras geográficas, sociais e políticas, sem, no entanto, dirimir conflitos e contradições. Pelo contrário, pode-se dizer que fronteiras outras se formam e se fortalecem, intensificando choques socioculturais perceptíveis dentro e fora dos territórios dados como locais, regionais, nacionais e mundiais.

Profissionais das diversas áreas do conhecimento, na tentativa de entender esse mapa em constante transformação, que, se por um lado traz conquistas inigualáveis, por outro, reboca mazelas quase insanáveis, estudam as relações entre pessoas e povos, observando os mecanismos de poder que atravessam sua produção de bens culturais.

Nesse sentido, o volume que ora publicamos, desde a capa com a imagem da colcha de retalhos, propõe algumas dessas reflexões, apresentando-as em pelo menos dois níveis. O primeiro refere-se aos próprios produtos culturais: a literatura, o cinema, os quadrinhos, as cantigas populares e de tradição, as revistas alternativas, as instalações e/ou intervenções urbanas. O segundo diz respeito aos próprios artigos que se voltam para tais produtos na tentativa de entendê-los em sua leitura da realidade. Em um ou em outro nível, encaram-se encontros, costuras, nós ou desmanches culturais. Por isso mesmo, a idéia é também de movimento; textos em diálogo explicitam a transculturalidade.

Se a revista **Scripta**, desde o seu primeiro número, se preocupa com esse processo cultural, já que congrega, em princípio, as literaturas de língua portuguesa – brasileira, portuguesa e africana –, neste número toma-o como objeto explícito.

O texto de Jean Klucinskas e Walter Moser inicia, por isso mesmo, tais reflexões, com uma releitura do conceito de estética, a partir da idéia de reciclagem cultural, considerada, no sentido lato do termo, como uma espécie

de denominador comum para resumir as transformações maiores que acontecem hoje na produção cultural, em geral, e na artística, em particular. Em seu ensaio, depois de discorrerem sobre alguns produtos estéticos em seu movimento de apropriação e transformação, os autores, utilizando a proposta de Bolter e Grusin, mostram como a noção de *remediation* pode articular termos diversos relativos aos movimentos do processo cultural, tais como *incorporating*, *absorbing* e *cannibalizing*, que indicam uma relação de incorporação; *reforming*, *redeploying*, *translating* e *refashioning*, que remetem a uma relação de mudança de forma e de transferência; ou *borrowing* e *inheriting*, indicadores de relações de propriedade. Além desses, o termo *ressurrecting*, com conotação religiosa, sugere a ultrapassagem de um ciclo de vida, enquanto *competing* e *remastering* evocam relações de rivalidade e de controle, logo, de desafios de poder, e o termo *imitating* situa a operação na lógica tradicional da reprodução representativa.

Todos esses termos cobrem o campo de semiose cultural e deixam transparecer a relativização do conceito de identidade, na medida em que a idéia é de empréstimo, incorporação, translação, transferência ou canibalização. É sobre esse mesmo jogo entre a afirmação e a relativização identitárias que discorre Marcio Bahia, no texto em que retoma o conceito de americanidade nas Américas hispânica, francesa e portuguesa, em contraponto com a América inglesa. Retomando conceitos cunhados por pensadores latino-americanos, como Lezama Lima e Alejo Carpentier, o autor analisa, em sua complexidade, cartografias do território dado como americano, sugerindo novas vias de estudo da questão.

Odete Semedo, originária da Guiné-Bissau, apresenta em seu artigo uma leitura comparada de cantigas de dito ou de *mandjuandadi* e cantigas medievais portuguesas, com especial relevo para as cantigas de amigo. Antes, porém, de passar à análise dos textos, a autora discorre sobre o crioulo, evidenciando seu caráter mestiço decorrente do trânsito entre culturas diversas. E é esse mesmo trânsito que se delineia no decorrer do artigo, na medida em que as canções desvelam rituais e costumes, sobretudo no que se refere ao contexto do amor enunciado pela mulher.

O estudo de **Tintim no Congo**, de Hergé, feito por Alberto Oliveira Pinto, procura mostrar como o discurso colonial belga a respeito do Congo buscava atingir, em 1930, as crianças de diferentes países. Para isso, analisa as estratégias retóricas do discurso colonial em relação ao colonizado africano presentes nessa obra de história em quadrinhos, evidenciando como o colonizador se apropriava das tradições ancestrais africanas para atingir seu objetivo pedagógico de marcar territórios. O referido texto é, pois, contraponto à idéia de hibridismo, de convivência com o outro, com o diferente.

O artigo de Sandra Sacramento, tomando como eixo de reflexão o tema da viagem, revisita diferentes momentos da literatura universal, buscando

delinear, desde o título, cartografias simbólicas oriundas das relações entre o mesmo e o diferente. Em um primeiro momento, estuda as obras **Ilíada**, **Odisséia** e **Os lusíadas**, mostrando como o tema da viagem está ligado ao domínio do colonizador. Por outro lado, em obras da literatura brasileira – “O navio negreiro”, **Macunaíma**, **Serafim Ponte Grande** e **Terras do sem fim** – busca apresentar possíveis alterações cartográficas no processo de apreensão do outro.

Oswald de Andrade e o conceito de antropofagia por ele cunhado são o objeto do artigo de Ricardo Luiz de Souza, que propõe, de forma instigante, que tal conceito não pode ser compreendido senão em relação às viagens do escritor modernista. Transitando entre Europa e Brasil, passado e futuro, tradição e ruptura, Oswald de Andrade buscava, na opinião do autor, explicar o processo de apropriação cultural em um determinado momento de construção da cultura brasileira.

Sob a denominação de Reino de Aruanda, Isis McElroy compreende uma terra mítica que envolve Angola e Brasil, em sua relação com Portugal, para discutir os percursos, mais que geográficos, imaginários da colonização. Busca responder então às seguintes questões: Como o ícone geográfico de Luanda foi transformado pelos descendentes de africanos no Brasil? Como a Luanda angolana se solidificou na Aruanda brasileira? Qual é a forma da Luanda congelada no inconsciente afro-brasileiro?

Sheila Khan, por sua vez, analisa narrativas de vida de migrantes da diáspora moçambicana, com o objetivo de verificar como nelas se constrói o que chama de “a pátria da alma”, fruto das emoções e da nostalgia daqueles que se exilaram. Empreende ainda a análise comparativa entre tais relatos e dois romances de Moçambique, escritos em diferentes épocas, para mostrar que nesse trabalho da memória a construção identitária é, seja fora ou dentro das fronteiras pátrias, sempre imaginada e sempre incompleta.

George Lang faz em seu texto, como ele mesmo diz, uma breve viagem pela música de Cabo Verde, estruturada em torno dos gêneros referidos por Cesária Évora em “*Petit pays*”. Discorrendo sobre a história de formas musicais como morna, coladera e batuque e refletindo inclusive sobre o peso político delas, o autor mostra como Cesária Évora, ao resgatar a importância da morna, insere-se mais fortemente no cenário musical mundial.

Maurício Silva, associando língua e identidade cultural, toma a obra de Luandino Vieira como espaço de transgressão em sua busca de consolidação de uma literatura angolana, na medida em que é particularmente no âmbito da linguagem que a produção ficcional do escritor se afirma como nacional.

É também a obra de Luandino Vieira que Angélica Gherardi Sindra toma como objeto de sua reflexão sobre o papel do intelectual no contexto de (des)colonização, marcado por conflitantes encontros culturais. Revisita então o conceito de intelectual, traçando um pouco de seu histórico, na busca de

compreender o lugar de mediador político ocupado pelo escritor angolano em tal contexto, sobretudo em relação às rasuras que efetua na língua do colonizador.

Também Ivete Walty discute o papel do intelectual em contato com minorias, buscando delinear suas novas figurações. Retoma, então, as idéias de Walter Moser, quando ele propõe que, no contexto histórico contemporâneo, um agente transfere um objeto cultural de um sistema a outro sob diferentes formas, para discutir a mobilidade dos agentes culturais em suas relações com os segmentos da população que fazem da rua sua casa. Analisa para isso um tipo de revista feita para ser vendida pela população de rua nas grandes cidades, como a **Ocas**, em São Paulo e Rio de Janeiro, e a **L'Itinéraire**, em Montreal.

Essa idéia de trânsito em espaços e tempos diversos permanece na segunda parte da revista, fechando-se mais especificamente nos jogos intertextuais: retomadas e releituras de textos, relações entre autores e leitores, entre textos e contextos.

Como a fazer uma transição entre as trocas culturais mais amplas e aquelas restritas às relações entre textos, o artigo de Ricardo Souza de Carvalho estuda “o diálogo estabelecido entre Mário de Andrade (1893-1945) e José Osório de Oliveira (1900-1964), através de correspondência e da leitura e do comentário das respectivas obras, como um capítulo importante das relações intelectuais entre o Brasil e Portugal”. O autor mostra que Mário de Andrade estudava a cultura popular portuguesa para explicar a psicologia do brasileiro e que José Osório divulgava, por meio de conferências, artigos para a imprensa e livros, a literatura brasileira em terras lusas.

Por sua vez, Cid Ottoni Bylaardt analisa o romance **Iracema**, considerando as intenções do autor, manifestas nos paratextos do livro (o prólogo da primeira edição, o argumento histórico, a carta ao Dr. Jaguaribe publicada como posfácio à primeira edição, o pós-escrito à segunda edição e as 116 notas que acompanham os capítulos), em relação com sua recepção, também esta ligada a um contexto histórico movente, que interfere na produção de sentidos.

Eunice Esteves toma como objeto de análise o conto “O escritor”, de Fausto Wolf, e, em diálogo com a obra de Robert Louis Stevenson e com a de Edgar Allan Poe, mostra que tal texto se constitui também como um espelho, na medida em que, metalingüisticamente, o autor escreve o conto, nele se inscreve e nele se lê. Dessa forma, estabelece-se uma cena em que autores e personagens atuam intercambiando papéis.

Terezinha Taborda Moreira também discorre sobre a questão do duplo no processo escritural de Salman Rushdie. Mostra então que o autor, retomando a obra **O mágico de Oz**, de Fleming, desenha uma cartografia em movimento entre os espaços do Ocidente e do Oriente, em que se associam “personagens emblemáticas da cultura ocidental, como Hamlet e Cristóvão Colombo, mitos da cultura oriental, como o profeta Maomé, e modelos da cultura de *mass media*,

como os policiais melodramáticos e a saga televisiva **Jornada nas estrelas**, num cruzamento de planos que exhibe a imagem da literatura no próprio ato de escrever". Nesse cenário, busca visualizar o intelectual no exercício de diferentes papéis.

A escrita como pilhagem praticada em diferentes campos culturais é o eixo do texto de Mônica Figueiredo, que faz uma leitura comparada entre **As batalhas do Caia**, de Mário Cláudio, e **A batalha do Caia**, de Eça de Queirós. Processa-se, pois, uma releitura crítica da História de Portugal feita pelas linhas da ficção: da Geração de 70 ao pós-modernismo.

Com o texto "De gatos, poemas e sorrisos: a 'gatografia' de Ana Cristina Cesar", Mônica Genelhu Fagundes retoma da própria poetisa a metáfora da gatu-nagem, em que se relacionam os atos da citação e o da apropriação, na escrita de um poema. Rastreia trilhas de textos teóricos (Friedrich, Compagnon), em conjugação com as de alguns da tradição literária moderna (Baudelaire, T. S. Eliot, Drummond, entre outros), evidenciando a "gatografia" como uma forma de escrita cheia de artimanhas ou, como ela mesma diz, de "arte-manhas".

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e Ana Ribeiro Grossi Araújo trabalham a obra, por si só multimidiática, do escritor e artista performático mineiro Chico dos Bonecos, investigando as propostas teóricas – por elas chamadas "brincantes" – que atravessam o texto lúdico e prazeroso. Mostram que esse ludismo advém da interação entre narrador e público no ato da brincadeira da escrita/leitura: "um *paidiá*, um jogo de palavras onde o visível é tomado pelo invisível". Nesse jogo inscrevem-se a tradição oral, a letra e o ato performático, num exercício da palavra poética vista como um enigma.

Verdadeira colcha de retalhos, este número da revista **Scripta** instiga-nos a percorrer o universo da própria escrita em seus movimentos de avanços e recuos, deslocamentos e imbricações.

Além da seção de resenhas, neste número publica-se, a pedido da proponente Odete Semedo, da Guiné-Bissau, uma carta à professora Fernanda Cavacas em que se esclarece a origem do material utilizado por esta em trabalho publicado na revista **Scripta**, v. 3, n. 5, p. 227-242, 2. sem. 1999. Por decisão do Conselho Editorial da Revista, o material a que se refere tal carta ficará à disposição dos leitores no CESPUC – PUC Minas.

Ivete Walty e Maria Nazareth Fonseca

